

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



Atena
Editora
Ano 2022

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Gênero e sexualidade: lugares, história e condições

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gênero e sexualidade: lugares, história e condições /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0078-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.783221703>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Ferreira,
Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *Gênero e sexualidade Lugares, história e condições*, reúne neste volume dezoito artigos para problematizar as relações de gênero na contemporaneidade.

A partir da virada do século XIX para o XX, com o advento da Psicanálise, estudando a histeria e se questionando sobre o que quer uma mulher, e com as discussões em torno das Ciências Sociais e Humanas, que procuravam encontrar um lugar social para os homens e mulheres, e sobretudo, com o advento das pesquisas culturais e feministas, indagando sobre a participação dos grupos minoritários na sociedade, as pesquisas sobre sexualidade e gênero ganham espaço nos meios acadêmicos.

Do questionamento sobre como se constrói uma mulher, à despatologização da homossexualidade, e à luta pela igualdade de direitos, um leque infinito de possibilidades discursivas é aberto, na tentativa tanto de remediar os efeitos danosos de intolerância e tradicionalismo, quanto de construção de subjetividades impares.

Espero que pela leitura dos textos que se seguem, uma abertura crítica sobre a diversidade das possibilidades de leituras sobre a questão do gênero surja para cada leitor.

Uma boa leitura a todos!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AMOTINADAS: TEATRO COM PRÁTICA PEDAGÓGICA DE (RE)EXISTÊNCIA

Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217031>

CAPÍTULO 2..... 9

AS REPRESENTAÇÕES DO FEMINISMO NA HEROÍNA CAPITÃ MARVEL: UMA ANÁLISE FILMOGRÁFICA DO PROTAGONISMO FEMININO NO MARVEL CINEMATIC UNIVERSE (MCU)

Thayline de Freitas Bernadelli

Márcio José Pereira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217032>

CAPÍTULO 3..... 23

CORPOS INTERSEXOS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

Bruna Silveira Chaves

Ludmila Mourão


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217033>

CAPÍTULO 4..... 35

GÊNERO, ESTÁ NOS PLANOS DA UNIVERSIDADE?

Rosângela Wojdela Cavalcanti


Nanci Stancki da Luz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217034>

CAPÍTULO 5..... 48

LA ESCUELA, UNA ACTORA RESPONSABLE PARA ERRADICAR LA VIOLENCIA A LAS MUJERES A PARTIR DEL DESARROLLO DE CAPACIDADES

Daniela Francisca Lagos Chávez


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217035>

CAPÍTULO 6..... 54

MATERNIDAD COMO OBJETO DE “SALUD”. DISCURSOS, GÉNERO Y CULTURA CONTEMPORÁNEA RESPECTO AL USO DE TECNOLOGÍAS DE REPRODUCCIÓN HUMANA ASISTIDA

Leila M. Passerino


Noelia S. Trupa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217036>

CAPÍTULO 7..... 69

O “NÃO MAIS” E O “AINDA NÃO” NA ESCOLARIZAÇÃO DAS FILHAS DE MULHERES ANALFABETAS


Marileia Gollo de Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217037>

CAPÍTULO 8..... 79

POLÍTICA EDUCACIONAL E GÊNERO(S) EM ARAGUAÍNA-TO (2015-2017): DIÁLOGOS SILENCIADOS?


Fátima Maria de Lima
Osmar Oliveira de Moura
Patrícia Fonseca Dias Miranda
Luciane Cardoso do Nascimento Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217038>

CAPÍTULO 9..... 86

REFLEXÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NEGRAS E A NECROPOLÍTICA NO CONTEMPORÂNEO


Elenson Gleison de Souza Medeiros
Rafaelly Cristina Santos da Silva
Pâmela Fernanda Vaz Ferreira
Cyntia Santos Rolim
Valber Luiz Farias Sampaio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217039>

CAPÍTULO 10..... 98

TRANSMASCULINIDADE EM “A QUEDA PARA O ALTO” (1982), DE ANDERSON HERZER

Melissa Salinas Ruiz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170310>

CAPÍTULO 11 109

LA ESCOLARIZACIÓN Y SU INCIDENCIA EN LA EDUCACIÓN INTERCULTURAL: ESTUDIO DE CASOS EN CONTEXTOS MULTICULTURALES EN EL MARCO DE LA REFORMA EDUCACIONAL CHILENA


Daniela Francisca Lagos Chávez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170311>

CAPÍTULO 12..... 120

VIOLÊNCIA FINANCEIRA: ANÁLISE DAS NOTIFICAÇÕES NO ESPÍRITO SANTO NO PERÍODO de 2011 a 2018

Elisa Aparecida Gomes de Souza
Franciéle Marabotti Costa Leite
Gracielle Pampollim
Gabriela Ravete Cavalcante
Márcia Regina de Oliveira Pedroso
Edleusa Gomes Ferreira Cupertino
Fábio Lúcio Tavares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170312>

CAPÍTULO 13..... 133

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER E SUA LIGAÇÃO COM OS CASOS DE

FEMINICÍDIO


Ionara da Silva Soares
Bruna Thairla Soares Salazar
Marcia Juliana Barbosa da Silva
Mariana Monteiro Freitas
Marcia Regina Pereira Bilio
Pedro de Sousa Vieira
Wayla Kelly de Lima Martins
Rayane Silva Magalhaes Costeira
Graciete Rodrigues dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170313>

CAPÍTULO 14..... 142

PATRIARCADO, MACHISMO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER


Jaiani Vitor da Silva
Djane Alves Victor
Alexsandra Felipe de Andrade
Maria Aldene da Silva Monteiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170314>

CAPÍTULO 15..... 154

UMA REVISÃO SOBRE O ESTIGMA DA MULHER OBESA: O EXCESSO DE PESO SOBRE O CORPO GORDO


Nathália Matoso de Vasconcelos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170315>

CAPÍTULO 16..... 164

PARTO NA PERIFERIA: A INSERÇÃO DE EXPERIÊNCIAS MARGINAIS NO MOVIMENTO DE HUMANIZAÇÃO AO PARTO E NASCIMENTO NA CIDADE DE SÃO PAULO


Laura Carvalheira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170316>

CAPÍTULO 17..... 176

ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO DAS IMIGRANTES VENEZUELANAS NO CONTEXTO URBANO DE BOA VISTA/RR

Alessandra Rufino Santos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170317>

CAPÍTULO 18..... 190

DESEMPENHO DE MENINOS E MENINAS EM TESTES DE LEITURA, ESCRITA, ARITMÉTICA, ATENÇÃO E LOCALIZAÇÃO ESPACIAL

Andréia dos Santos Felisbino Gomes
Viviani Massad Aguiar
José Salomão Schwartzman

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170318>

CAPÍTULO 19.....	213
REFLEXÕES DO OLHAR SOBRE O HOMEM E A MULHER NA PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Fábia Cristina Santos	
Ezequiel Martins Ferreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170319	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	227
ÍNDICE REMISSIVO.....	228

CAPÍTULO 10

TRANSMASCULINIDADE EM “A QUEDA PARA O ALTO” (1982), DE ANDERSON HERZER

Data de aceite: 01/02/2022

Melissa Salinas Ruiz

Mestre e doutoranda em Sociedade, Cultura e Fronteiras do PPG da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) câmpus de Foz do Iguaçu.

RESUMO: A teoria *queer*, como abordagem teórica, propõe-se a realizar uma leitura crítica da sociedade, destacando o caráter construído das performances sexuais e de gênero hegemônicas. A literatura, ao integrar a sociedade, também se torna objeto dessa crítica *queer*, especialmente quando é produto de uma identidade contrassexual. Considerando o exposto, a presente comunicação oral busca realizar uma análise *queer* das transmasculinidades a partir da obra “A queda para o alto” (1982), de Anderson Herzer. Utiliza dos conceitos de contraprodutividade e contrassexualidade de Paul Preciado (2004; 2011; 2018) para analisar a maneira em que a obra literária fala da transmasculinidade. Portanto, tem por objetivo contribuir com a criação de um prazer-saber que não perceba homens trans como abjetos. Em adição, discutir como a autoria *queer* inscreve na sociedade novas formas de subjetividade, o qual se reveste de importância no contexto social transfóbico brasileiro. Dessa forma, primeiro se apresentará o autor, personagens e o enredo de sua obra. Logo, serão utilizados os pressupostos *queer* para analisar a representação da transmasculinidade na narrativa. Finalmente,

os aspectos analisados serão situados frente à realidade social brasileira, estabelecendo a importância da produção de saberes *queer* no combate à transfobia no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Transexualidade. Teoria *queer*. Literatura. Contrassexualidade.

TRANSMASCULINITY IN “A QUEDA PARA O ALTO” (1982) BY ANDERSON HERZER

ABSTRACT: Queer theory, as a theoretical approach, intends to critically read society, emphasizing how sexual and gender performances considered hegemonic are, in fact, fabricated. Literature, by integrating society, becomes object of the queer critic, especially when is written by a countersexual identity. Therefore, this communication intends to produce a queer analysis of male transsexuality from the literary work “A queda para o alto”, by Anderson Herzer (1982). Resorts to Paul Preciado’s (2000) concepts, such as counterproductivity and countersexuality, to comprehend the way in which the book expresses about male transsexuality. Thus, this communication aims to create a pleasure-knowledge that will not perceive trans males as abjects. In addition, discusses how queer authors brings to society new subjectivities, which is important considering how transphobic Brazilian society is. Thereby, this communication will, at first, introduce the author, characters and plot of the book. Then, queer concepts will be used to analyze the representation of the transmasculine in the narrative. Finally, the analyzed subjects will be linked to Brazilian society, establishing the importance of queer

knowledge to fight Brazilian transphobia.

KEYWORDS: Transsexuality. Queer theory. Literature.

INTRODUÇÃO

A sociedade ocidental contemporânea determina que os sujeitos se encaixem dentro de um binarismo sexual e de gênero, restringindo os corpos a serem fêmea/mulher, macho/homem e condenando qualquer configuração que se distancie dessa dualidade. Tendo em vista o vínculo entre literatura e a sociedade em que é produzida (CANDIDO, 2004, p.175), o canône literário acaba reproduzindo essa normatividade (ZOLIN, 2010, p.185). Deleuze e Guattari (2003, p.57) chamam os textos canônicos de literatura maior, denominando literatura menor às manifestações literárias que subvertem esse cânone (2003, p.141).

Contudo, os estudos de gênero e teoria *queer* demonstram que gênero e sexualidade são construídos em sociedade e que a corporalidade cumpre uma função determinante na maneira em que os indivíduos são lidos e compreendidos, posto que o corpo e as identidades são potências políticas (PRECIADO, 2011, p.12). Com o advento da sociedade que Preciado chama de farmacopornográfica – pois sustentada na farmacologia e pornografia – as possibilidades de interceder no corpo se expandem, tornando-se impossível contê-las no binômio homem/mulher ou macho/fêmea (CAMARGO; RIAL, 2010, p.365).

A presente proposta parte dessas constatações para discutir a representação da transmasculinidade em *A queda para o alto*, de autoria de Anderson Herzer. Leva em consideração os pressupostos de Deleuze e Guattari (2003) para classificá-la como literatura menor e recorre a Preciado (2004; 2011; 2018) para enfatizar o vínculo entre corporalidade e gênero. Nesse paradigma, comenta a respeito das vivências transmasculinas no Brasil e como são retratadas na narrativa, defendendo a potência de denúncia do texto literário e indicando como a construção de si do autor/narrador/personagem Herzer produz um prazer-saber contrassexual.

AUTOR, ENREDO E PERSONAGENS

Escrita em primeira pessoa, *A queda para o alto* é uma narrativa autobiográfica escrita por Anderson Herzer em 1982. Composta de texto em prosa e poesias, o tema central da obra é a trajetória de vida do autor, quem recebeu nomenclatura feminina ao nascer devido a possuir genital socialmente compreendido como “de fêmea”.

O livro inicia expondo as primeiras lembranças do narrador personagem. Nascido no Paraná, Anderson – então Sandra – fala das parcas recordações de seus genitores, da subsequente adoção pelos seus tios e dos conflitos da convivência familiar. Pouco querido pela tia – pois flagrou-a em adultério, logo relatando o ocorrido ao tio – e tendo sofrido abuso nas mãos deste, Anderson começa cedo na bebida e nas drogas.

A relação conflitiva com os tios culmina na ida de Anderson para a Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor de São Paulo (Febem)¹, local onde se passa a maior parte da narrativa. As precárias condições da instituição, assim como os abusos físicos e psicológicos perpetrados por muitos de seus funcionários, são minuciosamente descritos pelo autor, quem situa o leitor frente à dura realidade dos menores infratores. O texto enfatiza a desumanidade do tratamento, problematizando o paradoxo retribuição/reinserção social de uma forma que, apesar do lapso temporal transcorrido, permanece atual. Nas palavras do narrador personagem, “se até os animais têm quem lute por eles, onde ficam os direitos humanos, um mínimo de direito humano, em casos como o dessas menores” (HERZER, 2007, p.86).

É dada pouca ênfase aos demais personagens presentes na narrativa, sendo o texto centrado na perspectiva de Anderson e suas digressões. Contudo, há constantes menções a garotas pelas quais se interessa afetivamente. Destas, destacamos Ireusa – para quem chega a compor um pequeno poema – e Rosana, primeiro interesse amoroso de Herzer. Foi ao conhecer Rosana que o narrador pôde melhor compreender o motivo que levava algumas jovens a trocarem carinhos furtivos, às escondidas:

Nos dias que vieram a seguir, tive condições para perceber melhor coisas que antes haviam me passado desapercibidas. Uma noite, por exemplo, estava sentada no pátio, quando meus olhos depararam com o ato amoroso de duas meninas que se beijavam e se abraçavam carinhosamente; fiquei olhando, até que alguém as alertou de que o inspetor se aproximava. Elas se separaram imediatamente. E eu fiquei pensando, recordando o jeito como uma delas se trajava, forçando um tipo masculino, embora tivesse gestos muito femininos: seu modo de andar, seu corpo. Era uma garota que mais tarde eu vim a conhecer como sendo “um dos machões” da unidade. Havia diversas iguais a ela, sendo que algumas tinham um tipo mais masculino. Aquilo não me assustou, embora eu não soubesse de tal existência. De outro lado, sempre, desde a minha infância, eu tive jeito de menino, chegando inclusive, numa festa familiar, a ser confundido com um garoto. Dentro de mim tinha um grande desejo de ter nascido menino. Portanto, para mim, pelo meu modo de agir, foi uma grande descoberta saber que para se ter uma mulher, para se vestir como um homem, não seria necessário ser um (HERZER, 2007, p.55).

Pouco tempo depois, passa a ser conhecido como Bigode, apelido que o acompanhará no restante da narrativa e que lhe renderá inúmeras agressões transfóbicas por parte dos funcionários da Febem. Fala-se em transfobia, pois, nas palavras do narrador, embora fosse frequente encontrar garotas com postura de “machão”, nele “acontecia algo diferente (HERZER, 2007, p.108), o que corrobora a percepção de que Herzer não era mulher cisgênera homossexual, e sim uma pessoa transmasculina.

A respeito do gênero do autor, enfatizamos que, mesmo quando há o uso do nome Sandra, o pronome utilizado é sempre o masculino, inclusive nas lembranças da infância. Dessa maneira, mesmo sem existir menção no texto à transexualidade ou demais vivências

¹ Atual Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA/SP). Fonte: < <https://www.brasilefato.com.br/especiais/especial-or-a-febem-nao-morreu> > Acesso em: 12 de dez. de 2020.

cis divergentes, o relato construído em *A queda para o alto* não pode ser plenamente compreendido sem vincular-se as violências sofridas por Herzer à “transgressão” de gênero que sempre o acompanhou. A obra se encerra quando Anderson conhece Eduardo Suplicy, deputado que auxilia o rapaz a deixar a Febem e que o estimula a publicar seus textos e poemas. Movido pela gratidão a Suplicy, Herzer escreve *Ao sr. Eduardo Matarazzo Suplicy e Minha confissão*, textos que também integram *A queda para o alto*. Neles, observamos a expressão do apreço sentido pelo autor, bem como a alegria em poder escapar da crua realidade que constantemente o condenava.

A morte de Anderson é descrita no *Prefácio – Ela só queria que as pessoas fossem humanas*, escrito por Eduardo Suplicy em 1982. Destacamos que, a despeito da amizade e da intenção carinhosa para com Anderson, o autor do *Prefácio* se recusa a referi-lo com o pronome masculino. Chega, inclusive, a apresentar uma “explicação” sobre a origem de Bigode que não é respaldada em nenhum momento da narrativa.

Compreendemos a postura de Suplicy como reflexo do heterocentrismo (JESUS, 2013, p.366) que insiste em patologizar condutas que se distanciem da “heterossexualidade e cisgeneridade natural”. Ao afirmar que Bigode surge dado ao trauma sofrido pela morte de um namorado, silenciam-se as “multidões *queer*” referidas por Preciado:

A sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanos, pós-coloniais...As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se *queer* (2011, p.14).

Frisamos também que o desrespeito à identidade de gênero após a morte é denunciado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). De acordo à associação, fazer a retificação do nome não garante o respeito à identidade de gênero, dada a frequência com que este é invisibilizado em “formulários, laudos, boletins de ocorrência, e fichas, e nas matérias que noticiam estas mortes” (ANTRA, 2019, p.21).

A construção da transmasculinidade em *A queda para o alto* foge aos estereótipos de gênero socialmente imposto pela sociedade cisnormativa. Influenciados pelos discursos jurídicos, médicos e cristãos, os padrões sociais de gênero e sexualidade atribuem características fixas às pessoas trans a fim de que possam ser aceitas no convívio social. No seguinte tópico examinaremos a representação transmasculina na obra, aliando-nos aos pressupostos de Paul Preciado (2004; 2011; 2018) para evidenciar a falácia do regime que busca produzir apenas corpos *straight*.

EPISTEMOLOGIAS DO CU E LITERATURA MENOR

O gênero se materializa no corpo, sendo a construção do corpo *straight* o fruto de um regime político da heterossexualidade. Esse corpo é produzido pela territorialização dos usos corporais, numa pretensão de naturalidade que almeja invisibilizar a flexibilidade

sexual e de gênero (PRECIADO, 2011, p.12).

Por meio dessa afirmação, o teórico busca destacar a maleabilidade inerente à sociedade farmacopornográfica, a qual dispõe de inúmeras tecnologias sexuais que permitem aos sujeitos expandir os usos sexuais de seus corpos. Nesse paradigma, abandona-se qualquer pretensão de usos “naturais” do corpo, posto que este é constantemente bombeado por expectativas que o compelem a vivenciar um processo de constante mutação. “O corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros” (ibid., 2011, p.14).

As identidades trans, explica a teoria *queer*, não contrariam a natureza, pois é impossível falar em sexualidades ou gêneros pré-discursivos, isto é, anteriores à interferência social. Desse modo, múltiplas são as configurações possíveis para os corpos generificados e sexuados, mesmo que a sociedade ocidental contemporânea estabeleça algumas performances como norma.

Preciado recorre ao ânus como metáfora para explicar o potencial revolucionário e transgressor do que chama de contrassexualidade, uma vez que são contrárias às normas binárias impostas socialmente. O “cu”, para utilizar a terminologia preferida pelo teórico, origina repulsa e também prazer. É unipresente, porque todos os corpos possuem um cu, deslocando “as demandas feministas (...) para todas as experiências relacionadas aos sujeitos não castrados de cu, de todas aquelas que rompem com os binarismos reducionistas heterocentrados” (PAIVA; NOBRE, 2016, p.114). Ainda, quando utilizado para práticas sexuais, o cu reforça a produção de si dos sujeitos, tornando impossível afirmar que há uma função “natural” para esse órgão. Excretam-se e escrevem-se narrativas de prazer e poder ao ressaltar que a transgressão é uma constante, mesmo que se tente negá-la.

Poderia o literário ser um prazer-saber? Segundo Zolin (2010, p.185), aquilo que se entende por literatura diz respeito a uma parcela muito limitada da sociedade. Incorporando o pensamento de Deleuze e Guattari (2003) acerca de literatura menor, refletimos: poderiam os corpos abjetos, os saberes do ânus, encontrar-se retratados – e exaltados – nessas obras literárias?

A literatura menor, conforme defendida por Deleuze e Guattari (2003, p.38-40), possui algumas características. São elas a desterritorialização da linguagem, o caráter individual e político e, por fim, a dimensão coletiva (IONTA, 2011, p.92). Examinaremos cada uma delas, apresentando as razões que nos motivam a crer que *A queda para o alto* integra a literatura menor, à medida que produz um prazer-saber contrassexual.

Inspirada pela experiência de Kafka, a primeira característica da literatura menor se refere a uma língua “forjada em condições minoritárias” (IONTA, 2011, p.92). Em *A queda para o alto* o caráter minoritário surge da vivência de gênero do autor/personagem/narrador. Dada sua expressão transmasculina, é possível afirmar que Anderson sofre um

“deslocamento provocado por uma descaracterização cultural, em função do espaço e da língua, operada por grupos (...) submetidos a um processo de marginalização” (BATALHA, 2013, p.115).

Sobre a segregação espacial vivenciada por Herzer, cabe retomar como a narrativa se passa, quase que exclusivamente, no ambiente da Febem, onde se encontram internados menores infratores. A impossibilidade de pessoas LGBTQI ocuparem espaços de prestígio é mencionada por Namaste (1995, p. 225) quando fala da generificação espacial, pela qual a população LGBTQI é renegada aos locais tidos como marginais. Quanto à linguagem, é possível identificar no texto construções semânticas relacionadas à vivência LGBTQI. A formação de “famílias” dentro da Febem – inclusive com pai, mãe, filhas e filhos – são ressignificações de termos que demonstram o uso particular da língua pelo autor. Enfatizamos que a peculiaridade das parentalidades e conjugualidades LGBTQI é objeto de estudo de trabalhos como os de Zambrano (2006) e Zampiroli (2017).

Podem se compreender as características da literatura menor ao refletir acerca do potencial do texto literário em constituir uma expressão que vai além da mera representação de um grupo social (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p.39-40). Quando expõe sua história de vida e conflitos, Herzer fala de si, de questões que ultrapassam seu âmbito pessoal e se expandem, dando origem a uma obra que carrega marcas do autor, da população LGBTQI brasileira, porém sem se restringir a ela. Na explicação de Ionta (2011, p.92) “o objetivo da literatura menor é criar uma nova expressão (...) e seu compromisso não é representar o mundo, mas intervir nele, produzir novas sensibilidades e intensidades”.

Pensar em literatura menor implica na reflexão sobre reconfiguração, subversão. À semelhança, Preciado (2011, p.13) afirma a impossibilidade de uma ordem natural para pensar sexo, sexualidade e gênero. Nesse sentido, textualizar a experiência de um corpo que desestabiliza o sistema em que se insere – há de enfatizar a insistência para que Anderson depile as pernas, utilize vestimentas femininas, etc. – apresenta um caminho alternativo para vivenciar o gênero e sexualidade. Ao formular a teoria da contrassexualidade, o autor não se preocupa em identificar a origem das opressões vivenciadas pelos que são segregados, ao invés discorrendo a respeito daquilo “que já é o fim do corpo, tal como este foi definido pela modernidade” (PRECIADO, 2014, p.24). Similarmente, a prosa literária de Herzer observa e descreve o que vê, criticando a prontidão com a qual a sociedade abandona alguns indivíduos.

O texto literário se relaciona com a realidade, sendo a linguagem literária uma relevante ferramenta de denúncia (PROENÇA FILHO, 2007, p.39). Quando é produto de um corpo contrassexual, a produção literária se inscreve na sociedade como acusação, desestabilizando seus moldes rígidos e trazendo à tona tudo aquilo que procura negar. Herzer fala de uma infância onde as brincadeiras contrariavam aquilo que se determina às “meninas”. Entre aspas, porque faz uso do pronome masculino, inclusive para se referir às recordações mais antigas. Ao tornar-se Bigode, o personagem-narrador apenas confirma

uma masculinidade que sempre esteve com ele.

Uma masculinidade, entretanto, contrassexual. Assim afirmamos, já que Anderson não se reivindica “homem”, tampouco sofre por não o ser. Quando confrontado, menospreza a ausência do órgão sexual de macho. Chamado pejorativamente de “machão sem saco” (HERZER, 2007, p.109 pelos inspetores da Febem, não se intimida, persevera, recusando-se a crer que há algo errado com ele. Em sua vivência, Anderson demonstra que há mais de uma maneira de se construir o masculino, bem como a falibilidade do binômio homem/masculino. Possuir um conjunto de características que, considera, são fundamentais a um homem é suficiente para fazê-lo afirmar sua identidade masculina, subvertendo o genitalismo que marca a ideia de gênero na sociedade ocidental contemporânea. É por meio desse tipo de comportamento, pontua Preciado (2004, p.36) que se ocasiona a invalidação do “sistema de reprodução heterocentrado”. A bem verdade, afirma o teórico, esse sistema já colapsou, uma vez que a resignificação contrassexual do corpo e os saberes contrassexuais demonstram a falácia do sexo e gênero natural. Nesse sentido, a existência de sujeitos como Herzer constitui a maneira mais poderosa de romper com a ilusão cissexista heterocentrada.

TRANSMASCULINIDADES NO BRASIL

Levando em consideração a identificação do autor de *A queda para o alto* com uma identidade masculina, contrária ao gênero que lhe foi designado ao nascer, é possível partir da leitura da obra para discorrer a respeito da transmasculinidade no contexto social brasileiro. Ainda, cabe destacar que, dada sua publicação em 1982, o texto de Herzer é uma das primeiras manifestações literárias brasileiras sobre transmasculinidade, motivo pelo qual inscreve novas subjetividades no sistema literário e na sociedade brasileira.

A palavra transexual tem sua origem no termo “transexualpsíquico”, cunhado pelo sexólogo alemão Magnus Hirschfeld em 1910 (BENTO, 2006, p.39). A partir desse momento, as ciências psis buscam se apossar da produção de saberes acerca da transgeneridade e “a sua inclusão no Código Internacional de Doenças, em 1980, foi um marco no processo de definição da transexualidade como uma doença” (BENTO; PELÚCIO, 2012, p.571). Apenas em 2022, com o CID-12, esta deixará de ser rotulada como doença mental, dado que foi reclassificada para condição pertinente à saúde sexual².

Tais discursos acabam reforçando a transfobia, considerada “a mais grave manifestação de ódio e violência” (LANZ, 2014, p.141) voltada a pessoas transgêneras. No Brasil, tal invisibilização da comunidade trans fomenta a crença de que essas experiências são abjetas, periféricas, o qual leva o país a ser classificado como o que mais mata pessoas trans (ANTRA, 2018, p.77). Consequentemente, transindivíduos possuem precário acesso a direitos como saúde, educação e trabalho, o que os coloca num lugar social de extrema

2 Fonte: < <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2018/06/oms-tira-transexualidade-de-nova-versao-de-lista-de-doencas-mentais.shtml>>. Acesso em 05 de jan. de 2020.

vulnerabilidade.

Dita percepção é reforçada pelo transmedicalismo, isto é, crença na unicidade da vivência trans, relacionada diretamente à noção de doença. Embora o julgamento da ADI 4275 do STF e o provimento n. 73 do Conselho Nacional de Justiça regularizem a retificação do registro civil de transexuais (ANTRA, 2019, p.21), acabando com a necessidade de prévia transgenitalização, a falta de informação impede que a população transgênera acesse seus direitos. Similar falta de autonomia é percebida quando se submetem ao Protocolo Transsexualizador do Sistema Único de Saúde, o qual requer que se cumpram requisitos para estarem “aptos” a sofrer intervenções em seus corpos.

No caso de homens trans, suscitam-se diversas problematizações. Mulheres cisgêneras brasileiras se encontram entre as que mais recorrem a intervenções estéticas³, não existindo a necessidade de obter um laudo psicológico para tanto. Pessoas transmasculinas, contudo, devem seguir critérios rígidos para poder realizar a cirurgia de mastectomia, por exemplo, o que não ocorreria caso desejassem implantes de silicone.

As modificações corporais, entretanto, vão além das intervenções cirúrgicas e tampouco são necessárias para reivindicar uma identidade de gênero. Em *A queda para o alto*, o narrador-personagem Herzer não relata qualquer desejo de modificar seu corpo cirurgicamente, o que não o impede de tratar-se no masculino, tampouco de construir sua masculinidade de outras formas. Não depilar as pernas, utilizar cueca e construir conjugalidades nas quais é o marido e pai, são algumas das maneiras pelas quais manifesta seu gênero, explicitando a falta de necessidade de adequação a uma ideia de “verdadeiro transexual”. Nas palavras de Herzer (2007, p.110): “como seria o mundo se todos os homens trouxessem sua virtude, seu caráter no formato de duas bolas?”

À semelhança do que se contempla na narrativa, transhomens brasileiros reconfiguram seus corpos e questionam as imposições de gênero da sociedade brasileira. O incremento do uso das redes sociais propicia a criação de comunidades e redes de apoio, nas quais são trocadas informações, experiências e também se produz um conhecimento que pode ser acessado tanto pelo público cis quanto trans.

Corroborando o exposto, no vídeo *Homem trans na internet, haters e autoestima*, do canal de Lucca Najjar, observamos o relato de Jonas Maria, transhomem que frisa a importância da comunidade online no seu processo de identificação como trans e decorrente processo de transição. Foi através das redes sociais que Jonas pode conhecer narrativas mais parecidas à sua, as quais fogem ao padrão trans construído pela medicina (NAJAR, 2019).

A influência de marcadores sociais como classe social e raça é ressaltada no vídeo *Trans, negro e periférico ft. Demétrio*, do canal de Luca Scarpelli. Em entrevista a Demétrio – homem trans, negro e periférico – ambos dialogam acerca das diferenças em

3 Fonte:< <http://www.revistaferidas.com.br/brasil-e-o-pais-que-mais-realiza-cirurgias-plasticas-no-mundo/>>. Acesso em 06 de jan.de 2021.

suas vivências, atravessadas por múltiplas questões que ultrapassam a transgeneridade. Adicionalmente, é comentada a dificuldade em acessar a terapia hormonal devido aos altos custos das consultas médicas e do precário acesso ao SUS nas cidades pequenas (SCARPELLI, 2019).

Esses saberes – prazeres saberes, como os chama Preciado – trazem à tona a falibilidade do sistema heterocentrado e a urgência de repensar aquilo que se entende por gênero e sexualidade. Ao levar uma existência pautada por suas próprias crenças sobre gênero e sexualidade, Herzer (2007) coloca-se como precursor desses discursos que se proliferam e imprimem marcas indelévels na sociedade, a qual não pode mais negar-lhes a existência. Nesse paradigma, a leitura de *A queda para o alto* apresenta subjetividades que ampliam a noção de transvivência e se relacionam com as multidões *queer* que criam e recriam a masculinidade na sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente análise de *A queda para o alto* busca dar ênfase à importância de considerar a transmasculinidade de Herzer durante a leitura do texto, dado que constitui elemento essencial para compreender as problemáticas vivenciadas pelo narrador-personagem durante toda a narrativa, assim como a importância da (re)construção de si pela qual Sandra se torna Bigode. Dado o caráter literário do texto, o compreendemos como uma obra “menor”, na acepção de Deleuze e Guattari (2003), já que traz em si o uso transgressor da linguagem, a ampliação da experiência individual – pelo qual se torna política – e a expressão de uma identidade invisibilizada pelos textos canônicos. Complementarmente, respaldamo-nos nos pressupostos teóricos de Preciado (2004, 2011, 2018) para problematizar a possibilidade de reconfigurar o corpo e seus usos.

Defendemos que a transmasculinidade expressa por Herzer explicita a maleabilidade do gênero ao subverter a noção de masculino, demonstrando que é desnecessário o genital de macho para reivindicar uma identidade masculina. A ausência de comportamentos disfóricos no personagem – quem prefere inquirir a natureza do preconceito da sociedade ao invés de condenar seu próprio corpo e expressão de gênero – traz à tona a possibilidade de existir fora do regime cisnormativo, rompendo com percepções transmedicalistas que consideram a identidade trans como unívoca. Contrariando o caráter transfóbico da sociedade brasileira, representações literárias como as de Herzer reforçam um discurso que vem ganhando força na última década, em que transhomens buscam cada vez mais problematizar as expectativas sociais sobre seus corpos. (Re)existir torna-se a norma, a abjeção se faz potência e os saberes contrassexuais se multiplicam e expandem.

REFERÊNCIAS

ANTRA. *Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017*. PDF, 2018. Disponível em: < <https://www.pagina12.com.ar/diario/dialogos/21-292484-2016-02-15.html> > Acesso em 30 de jun. de 2020.

_____. *Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018*. PDF, 2019. Disponível em: < <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/12/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf> > Acesso em 25 de abr. de 2020.

BATALHA, Maria Cristina. O que é uma Literatura Menor? *Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura*, Campinas, v.22, n.35, p.115-134, 2013.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.20, n.2, p.569-581, mai./ago. 2012.

CAMARGO, Wagner Xavier; RIAL, Carmen Sílvia de Moraes. Hormônios e micropolíticas de gênero na era farmacopornográfica. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.34, p.363-371, jan./jun. 2010.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kakfa – para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

HERZER. *A queda para o alto*. Petrópolis: Vozes, 2007.

IONTA, Marilda. A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.19, n.1, p.91-101, 2011.

JESUS, Jaqueline Gomes de. O conceito de heterocentrismo. *Psico-USF*, Bragança Paulista, v.18, n.3, p. 363-372. set./dez. 2013.

LANZ, Letícia. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. Curitiba, 2014. 342f. Dissertação. Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

NAJAR, Lucca. *Homem trans na internet, haters e autoestima*. YouTube, 02 de out. de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wkzoi52yAaE>>. Acesso em 18 de dez. de 2020.

NAMESTE, Viviane Ki. Genderbashing. Sexuality, Gender, and the Regulation of public space. In: STRYKER, Susan; WHITTAKER, Stephen. *The transgender studies reader*. Routledge: New York, 2006.

PAIVA; André Luiz dos Santos; NOBRE, Itamar de Moraes. Orgia epistemológica: saberes anais e dissidências de gênero e sexualidades. *Mneme – Revista de Humanidades*, Caicó, v.17, n.38, p.103-119, jan./jun. 2016.

PRECIADO, Paul. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2004.

_____. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.19, n.1, p.11-20, jan./abr. 2011.

_____. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PROENÇA FILHO, Domicio. *A linguagem literária*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

SCARPELLI, Luca. *Trans, negro e periférico ft. Demétrio*. YouTube, 03 de out. de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lfNifQw8SL8>>. Acesso em 20 de dez. de 2020.

ZAMBRANO, Elizabeth. "*Nós também somos família*": Estudo sobre a parentalidade homossexual, travesti e transexual. Porto Alegre, 2008. 232f. Tese. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ZAMPIROLI, Oswald. *Amores subterrâneos: família e conjugalidades em trajetórias de prostitutas trans-travestis*. In: 13º Seminário Internacional Fazendo Gênero, Florianópolis, 2017. p.01-10. Disponível em: < [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498860980_ARQUIVO_AmoresSubterraneos-OswaldoZampiroli\(FG\).pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498860980_ARQUIVO_AmoresSubterraneos-OswaldoZampiroli(FG).pdf)>. Acesso em 15 de dez. de 2020.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Questões de gênero e representação na contemporaneidade. *Letras - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria*, Santa Maria, v.20, n.41, p.183-195, jul./dez. 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ações políricas 1, 7

Amotinadas 3, 1, 3, 4, 5, 6, 7

Analfabetismo 67, 68, 69, 70, 73, 75, 77, 217, 218, 225

Aprendizagem 21, 146, 190, 191, 196, 198, 208, 211, 219

Artes da cena 1, 2, 5, 8

Aspectos histórico-culturais 86

B

BNCC/2017 79, 80, 81, 82, 84

C

Capitã marvel 3, 9, 12, 13, 14, 16, 18, 21

Casa de parto 164

Cinema 9, 10, 11, 21

Cognição 128, 190, 208, 210

Contexto urbano 5, 176, 177, 181

Contrassexualidade 98, 102, 103

Corpo gordo 5, 154, 159, 162

D

Desarrollo de capacidades 3, 48, 50, 51, 110, 114, 115, 117

Desarrollo humano 48, 109, 110, 116, 117, 119

Diferença 139, 148, 157, 160, 164, 169, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 225

E

Educação 6, 4, 5, 7, 22, 23, 33, 34, 36, 38, 43, 47, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 91, 95, 97, 104, 127, 133, 134, 142, 143, 146, 160, 161, 162, 165, 176, 192, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227

Educación sexual integral 48, 50, 51, 52

Epidemiologia 97, 120, 121, 130, 211

Escolarização 3, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 78, 216, 217, 224

Escuela 3, 48, 50, 52, 53, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 119, 210

Esporte 3, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34

F

Feminicídio 5, 87, 96, 97, 133, 134, 137, 139, 140, 150, 151, 152, 153

Feminismo 3, 3, 4, 8, 9, 10, 12, 21, 22, 32, 43, 52, 53, 65, 85, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 140, 153, 162, 175

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 2, 4, 9, 10, 11, 12, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 47, 69, 71, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 127, 128, 134, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 168, 171, 172, 174, 181, 186, 187, 190, 209, 210, 211, 212

H

Heranças educativas 67, 68, 70, 71, 73, 75, 77

Humanização 5, 164, 165, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 175

I

Identidade 12, 25, 26, 27, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 43, 82, 84, 85, 89, 96, 98, 101, 104, 105, 106, 107, 156, 158, 162, 175, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 225

Indígena 109, 110, 111, 112, 114, 116, 151

Interculturalidad 109, 110, 114, 116, 117, 118, 119

Intersexo 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 38

L

Literatura 92, 98, 99, 101, 102, 103, 107, 128, 129, 154, 158, 160, 161, 208

M

Maternidad 3, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Migrante 109, 110, 182, 183, 184, 185, 188

Motim 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8

Mulher 4, 5, 12, 20, 22, 86, 87, 88, 89, 95, 122, 126, 127, 130, 131, 133, 134, 135, 140, 142, 154, 167

Mulheres 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 105, 121, 122, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 189, 191, 192, 196, 197, 198, 206, 207, 209, 211, 213, 215, 218, 222

Mulheres negras 4, 19, 20, 86, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 164, 166, 168, 171, 175
Mulheres venezuelanas 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187

N

Necropolítica 4, 86, 94, 97

Notificação 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 130, 132

P

Pedagogias feministas 1

Plano de desenvolvimento institucional 35, 38, 43

PMEA-TO/2015 79, 80, 81, 82, 83, 84

PNE/2014 79, 80, 81, 82, 84

R

Redes sociais 105, 139, 176, 178, 187, 188, 189

Representação 9, 11, 12, 20, 21, 24, 32, 98, 99, 101, 103, 108, 153, 157, 158, 195, 196

S

Sexo 10, 14, 17, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 37, 52, 53, 56, 65, 66, 84, 86, 88, 103, 104, 108, 114, 119, 120, 123, 124, 125, 127, 129, 135, 136, 137, 139, 144, 145, 146, 148, 150, 152, 153, 157, 158, 160, 162, 166, 174, 188, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 199, 204, 206, 208, 210, 211

Sistema de informação 120, 121, 122, 123, 125, 126, 132

T

Teoria queer 33, 34, 98, 99, 102

Transexualidade 98, 100, 104

U

Universidades 1, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 152

V

Violência 4, 5, 19, 38, 42, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 104, 107, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 164, 169, 176, 181

Violência doméstica 4, 87, 88, 94, 95, 96, 130, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 143, 149, 150, 151, 152

Violencia hacia las mujeres 48, 49, 53

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições




Atena
Editora
Ano 2022

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



Atena
Editora

Ano 2022